

PALINOLOGIA DE *Praxelis* (PRAXELINAE – EUPATORIEAE – ASTERACEAE)

Vanessa H. R. Abreu^{1*}, Roberto L. Esteves¹, Vania Gonçalves-Esteves²

¹ UERJ, ² Museu Nacional/UFRJ. *vanessahra@yahoo.com.br

Introdução

A família Asteraceae está inserida no topo da filogenia de angiospermas Asterideae / Asterales. Essa família contém o maior número de descrições aceitas de espécies, ca. 24.000, com estimativas de um número total de 30.000 espécies [1].

O presente estudo teve como objetivo descrever palinologicamente dez espécies do gênero *Praxelis*, representados por: *P. asperulacea* (Baker) R.M. King & H. Rob., *P. basifolia* (Malme) R.M. King & H. Rob., *P. capillaris* (DC.) Sch. Bip., *P. clematidea* R.M. King & H. Rob., *P. diffusa* (Rich.) Pruski, *P. insignis* (Malme) R.M. King & H. Rob., *P. kleinioides* (Kunth) Sch. Bip., *P. missiona* (Malme) R.M. King & H. Rob., *P. ostenii* (B.L. Rob.) R.M. King & H. Rob. e *P. sanctopaulensis* (B.L. Rob.) R.M. King & H. Rob..

Metodologia

Os grãos de pólen foram tratados pelo método acetolítico, de acordo com [2], posteriormente mensurados, fotomicrografados e os dados quantitativos, submetidos a tratamento estatístico.

Para análise em microscópio eletrônico de varredura (MEV), as anteras foram maceradas e os grãos de pólen, não acetolisados, foram pulverizados sobre suportes recobertos por fita de carbono. O conjunto foi metalizado com uma camada de ouro puro por cerca de 3 minutos, posteriormente, analisado em aparelho Zeiss DSM 960.

Para análise em microscópio de transmissão (MET), os grãos de pólen foram corados em cacodilato tamponado 0,125% OsO₄ (tetróxido de ósmio) durante duas horas, concentrou-se em pastilhas de ágar, então desidratou-se por meio de série alcóolica graduada até álcool absoluto (100%), e foram embebidos em resina Epon-Araldite.

Resultados e Discussão

Os grãos de pólen do gênero *Praxelis* estão representados por mônades pequenas na maioria das espécies, médias apenas em *P. basifolia*, *P. insignis* e *P. sanctopaulensis*; a forma prolata-esferoidal foi observada em quase todas as espécies, sendo que, *P. basifolia*, *P. insignis* e *P. ostenii*, apresentaram a forma oblata-esferoidal e *P. kleinioides* caracterizou-se pela forma subprolata; a maioria das espécies apresentou a área polar muito pequena, com aberturas muito longas ou área polar pequena, com aberturas longas apenas em *P.*

capillaris, *P. insignis*, *P. ostenii* e *P. sanctopaulensis*; sobre a polaridade, todas as espécies são isopolares; com relação às aberturas, todas as espécies são caracterizadas por apresentarem 3-cóporos, com a membrana do colpo ornamentada, sendo que a endoabertura, pode ou não conter constricção; a ornamentação da exina em todas as espécies é espinhosa, com perfurações nas bases dos espinhos e apresentam cávea.

De acordo com [3], *P. sanctopaulensis* apresenta grãos de pólen médios, oblato-esferoidais, com a região do apocolpo contendo 6 espinhos longos, circundando um espinho central. Sendo que no presente estudo, a sua descrição está compatível apenas com o tamanho dos grãos de pólen, pois a forma foi caracterizada aqui como prolata-esferoidal, e, com relação aos espinhos no apocolpo, pode-se observar, na figura abaixo, 6 espinhos circundando dois espinhos centrais (indicados por setas).

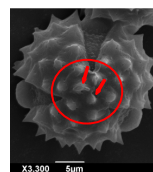


Figura. Região do apocolpo de *P. sanctopaulensis*.

Conclusões

As espécies se diferenciam quanto ao tamanho dos grãos de pólen, quanto à forma e ao tamanho da área polar, sendo consideradas euripolínicas.

Agradecimentos

CAPES, FAPERJ, CNPq, PGBV(UERJ), Amanda Garcêz (MEV do Departamento de Invertebrados do Museu Nacional/UFRJ), Noêmia (MEV do Departamento de Biofísica da UFRJ).

Referências Bibliográficas

- [1] Funk, V.A., Susanna, A., Stuessy, T.F. & Robinson, H. 2009. **Systematics, Evolution, and Biogeography of the Compositae**. IAPT (International Association for Plant Taxonomy).
- [2] Erdtman, G. 1952. **Pollen morphology and plant taxonomy - angiosperms**. Almqvist & Wiksell, Stockholm.
- [3] Esteves, R.L. 2001. **O gênero Eupatorium s.l. (Compositae – Eupatorieae) no Estado de São Paulo – Brasil**. Tese de doutorado, Programa de Pós-graduação em Biologia Vegetal, Unicamp, SP.